

ORIENTAÇÕES PARA O ENSINO NÃO-PRESENCIAL



Prezado Cursista:

Este texto apresenta orientações sobre natureza e escolha das atividades, características do estudo a distância, importância do calendário e cronograma. Durante a leitura você encontrará também indicações de materiais que ampliarão seu conhecimento sobre o tema.

ORIENTAÇÕES PARA O ENSINO NÃO-PRESENCIAL

Núbia Schaper Santos³⁰

“Acho que o quintal onde a gente brincou é maior que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande” (Manoel de Barros).

Você teve a oportunidade, nos capítulos anteriores, de inaugurar a discussão sobre tecnologias e planejamento de estratégias pedagógicas para a Educação a Distância. Possivelmente alguns assuntos foram novidades e outros nem tanto. Iniciaremos essa conversa apresentando a você orientações para as atividades do curso realizadas a distância (etapas de organização e produção). Você se lembra da passagem do diário de classe de papel para o diário de classe eletrônico? No começo materializamos sentimentos de raiva contra o sistema e dizíamos que trabalhávamos duplamente. Havia um clamor pelo papel, até que nos apropriamos do modelo e, hoje, provavelmente achamos inconcebível escrever, calcular e registrar as notas dos alunos de outra maneira que não seja a eletrônica. Além disso, estamos na turma dos “politicamente corretos”: papel somente se for necessário! Eis aí um exercício permanente na lógica da Educação a Distância, considerando-se o papel do professor: permitir mudar com criticidade. Passar de ator protagonista para ator coadjuvante não é fácil, passar de autor a co-autor, muito menos. Dividir a cena e o palco certamente é uma tarefa delicada para quem acredita no modelo da transmissão do conhecimento (concepção, que acredito, não ser a sua).

Dito dessa forma parece que a culpa pela resistência em implementar atividades a distância é do professor. No entanto, uma pesquisa³¹ apontou que muitos professores não acreditam nos benefícios da Educação a Distância porque também não são incentivados por suas instituições a se aventurar por novos caminhos (não é esse o nosso caso!). Estudos vêm sinalizando que não é suficiente disponibilizar para o professor as tecnologias na expectativa de que haja mudanças em suas práticas. É necessário criar condições e espaços para que haja também condições de ressignificação dessas práticas.

Assim, esse capítulo se organiza em torno de dois objetivos:

- **Compreender as especificidades na organização de atividades em um curso a distância;**
- **Conhecer mecanismos de acompanhamento no processo de um curso a distância.**

³⁰Doutoranda em Educação na Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ/RJ. Pesquisadora do Núcleo de Educação a Distância da Universidade Federal de Juiz de Fora.

³¹ A pesquisa está referenciada no livro de MOORE, M.; KEARSLEY, G. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

1. ORGANIZAÇÃO DE ATIVIDADES NÃO-PRESENCIAIS (ETAPAS DE PRODUÇÃO E DE ORGANIZAÇÃO)

Nesse tópico iremos discutir alguns aspectos relacionados à clareza e natureza das atividades; à consideração das diferentes experiências dos alunos e à importância do estímulo à participação, colaboração e busca de novos conhecimentos.

1.1 Clareza e natureza das atividades

Bem, não é difícil pressupor que atividades realizadas a distância exigem cuidados específicos. Geralmente, na sala de aula, quando o professor está preocupado com o aprendizado dos alunos, ele cria estratégias que permitam a compreensão do que está sendo dito. Tais estratégias vão desde atividades que buscam aprofundar o tema em pauta até e, principalmente, a forma como se comunicam tais atividades.

A clareza e a natureza das atividades a distância devem obedecer aos objetivos da disciplina. Fica evidente, então, que o professor, antes de selecionar as atividades deve pensar em quais competências pretende que seus alunos alcancem para, a partir daí, selecionar a metodologia que se adapte aos objetivos.

Parece haver consenso de que em qualquer atividade a distância é importante se preocupar com o material didático produzido. Lembremo-nos de que tomamos por material didático textos impressos, vídeos, programas de TV ou de rádio, CDs, hipertextos, entre outros, que podem ser veiculados por vários meios até chegar aos alunos: correios, fax, telefone, rádio, televisão, internet.

O uso da Internet, por exemplo, deve incluir meios diversificados de interação: salas de bate-papo, fóruns de discussão etc. Tradicionalmente se diz que o aluno no contexto da Educação a Distância encontra-se como um navegador solitário. Se for possível que esse aluno mantenha interação com outros alunos, a solidão tende a diminuir, e ele se sentirá respaldado pela orientação de tutores ou professores responsáveis pela disciplina. Caso contrário, o risco de desânimo e evasão é uma situação real (possibilidade que definitivamente devemos afastar).

Não é exagerado afirmar que em qualquer etapa do planejamento de um curso ou disciplina a distância o professor tenha que se preocupar com o modo como a comunicação vai se dar. Fizemos uma síntese das recomendações da Prof (a) Maria Umbelina Salgado sobre textos impressos para atividades realizadas a distância.

Vejamos o quadro abaixo:

Orientações para a escrita de material para atividades a distância

<ul style="list-style-type: none">• uma introdução que apresente o tema a ser tratado, procurando sensibilizar o aluno para a relevância do assunto tratado; situando-o no conjunto do curso (relação com outras unidades e com outros componentes curriculares); anunciando a organização do texto.
<ul style="list-style-type: none">• dois a três objetivos específicos, selecionados a partir das competências que compõem o perfil de saída do curso e formulados na perspectiva do aluno.
<ul style="list-style-type: none">• um corpo de texto organizado com seções vinculadas a objetivos específicos, bem seqüenciadas, mas razoavelmente autônomas, de modo que possam ser estudadas em momentos diferentes.
<ul style="list-style-type: none">• partir de um caso, problema, ou atividade relacionada ao cotidiano do aluno; utilizar diferentes tipos de atividades para mobilizar conhecimentos prévios; promover a recuperação de informações ou de experiências; inserir atividades de estudo destinadas a auxiliar a compreensão do tema e subtemas, e atividades práticas e de auto-avaliação, propondo questões com o mesmo formato que será utilizado nas provas presenciais.
<ul style="list-style-type: none">• incluir bibliografia, de preferência comentada, para orientar o aprofundamento de estudos.
<ul style="list-style-type: none">• usar recursos gráficos (cor, fonte, ícones) para aumentar a interatividade do material e dar maior visibilidade a: pontos-chave; citações e indicações de outras fontes; exemplos e casos; resultados de pesquisas; dados numéricos; reflexões; pontos polêmicos; detalhamento de aspectos específicos.
<ul style="list-style-type: none">• um fechamento do tema, retomando a questão inicial e destacando conclusões importantes.

Assim, é interessante preservar nos materiais didáticos para educação a distância (que são materiais com muitas atividades) o formato dialógico, com estilo de conversação, com atividades criativas e atraentes.

Esse assunto será abordado detalhadamente no Capítulo 6.

Quer ampliar suas leituras?

Leia também: SALGADO, M. U.C. Materiais escritos nos processos formativos a distância. Disponível em www.redebrasil.tv.br

Trata-se de um texto conciso com dicas sobre a escrita de material didático para atividades a distância.

1.2 Adequação a vivências e contextos diferentes

Talvez você encontre situações extremas no contingente de alunos que farão um curso a distância, desde aqueles que são experts no uso do computador até aqueles que ainda não tiveram acesso a essa ferramenta e que o farão na oportunidade do seu curso ou disciplina.

Esse subitem destina-se a enfatizar uma questão que pode ser do conhecimento de vocês, mas que vale a pena enfatizar. Adequação, neste caso, refere-se à equação das escolhas das tecnologias/mídias e acessibilidade dos alunos.

Por exemplo, para se basearem na internet os alunos necessitam ter acesso a recursos de informática e de infra-estrutura de redes de comunicação; da mesma forma, se um determinado conteúdo dos cursos é de natureza visual, o vídeo pode ser um recurso potencialmente mais produtivo para a aprendizagem do aluno. É possível, então, que haja alunos com maior necessidade de apoio pedagógico.

1.3 Estímulo à participação, colaboração e busca de novos conhecimentos pelo aluno

Alguns estudos vêm revelando que boa parte dos cursos a distância naufraga, entre outros fatores, pela falta de estímulos à participação dos alunos. Parece razoável crer que a nossa função não é apenas discutir conteúdos.

Dar o retorno para as questões e dúvidas propostas pelos alunos o quanto antes, incentivá-los a prosseguir com as reflexões desencadeadas pelos conteúdos da disciplina são atitudes que podem evitar a situação acima descrita. Não há nada mais desanimador do que a falta de resposta ou orientação para determinada atividade, quando estas se materializam. Demonstrar disponibilidade e preocupação em ajudar os alunos é requisito importante.

Cabe aqui também a palavra motivação, que se traduz no acompanhamento das atividades, no planejamento de situações variadas de interação, mais uma vez com a finalidade de dirimir o isolamento dos alunos, compartilhando com eles os conhecimentos construídos.

Um exemplo disso pode se dar nos ambientes virtuais de aprendizagem. Quando colocamos um tema relevante para discussão no fórum ou numa lista, devemos acompanhar a discussão sem assumir a postura de centralizadores. A omissão também não é recomendável. É interessante que os alunos se posicionem, e que depois o orientemos com comentários, reflexões e sínteses no andamento das discussões. Poderemos eventualmente pedir alguns alunos que o façam também..

É sempre bom pontuar a necessidade de se criar situações que desafiem a cognição do aluno e mobilizem o seu desejo pela busca de novos conhecimentos. Pensar, refletir, investigar são bons verbos para serem conjugados. Isso possibilita que os próprios alunos possam propor outras informações e novos percursos no processo de aprendizagem.

Para ampliar suas leituras:

Leia: SILVA, Marco. Sala de aula interativa. Rio de Janeiro: Quartet, 2006.

O autor do livro é sociólogo e Doutor em Educação. Atualmente é professor da UERJ. Trata-se de um material interessante porque traz informações atualizadas e pertinentes sobre ambiente virtual de aprendizagem, interatividade.

2. MECANISMOS DE ACOMPANHAMENTO DO PROCESSO A DISTÂNCIA

Parece razoável crer que acompanhar o desenvolvimento de uma disciplina ou curso a distância tem igual ou até mais importância que outras etapas do planejamento. O professor ou tutor deve ser um dinamizador da interação coletiva. Isso lhe confere a tarefa de organizar estratégias que possibilitem a condução juntamente com os alunos das atividades propostas.

2.1 Estipulando o número de horas que devem ser dedicadas ao estudo de determinado conteúdo

Nesse subitem o mais importante a ser destacado é o fato de que na Educação a Distância o aluno deve ter clareza de que grande parte do curso será desenvolvido a partir do auto-estudo e que, em decorrência disso, o estudo requer determinados pré-requisitos.

Muitas vezes, o aluno desiste do curso por não conseguir se organizar como um estudante autônomo. É tarefa do professor ou do tutor indicar fontes de informação, propor atividades sistemáticas que possibilitem criar hábitos de estudo.

Como dissemos em outros momentos desse curso, o aluno tem dificuldade em tomar decisões sobre o andamento do seu estudo, bem como em lidar com a liberdade concedida. Essa autonomia é em certa medida ilusória. Na verdade, ele é independente em relação ao lugar, ao tempo ou a professores predeterminados. No entanto, seus estudos são bem mais estruturados, regulamentados e preestabelecidos do que na modalidade presencial. O professor ou tutor pode auxiliá-los na tarefa de decidir onde, por quanto tempo, quanto, com que intensidade, em que ordem e em que ritmo irá estudar.

Por isso as estratégias são importantes. Sintetizamos algumas sugestões propostas em um material elaborado pelo Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED, 2001).

Estudo individual
Assegurar-se de que os alunos estão realizando as atividades previstas: verificar nos encontros presenciais o andamento das atividades; utilizar uma folha de registro e fazer contato com aqueles que não procuram o tutor ou professor.
Preparar esquemas e/ou listas perguntas e dúvidas mais freqüentes: organizar FAQ pode ser interessante já que boa parte das dúvidas sobre as atividades é comum entre os alunos, procurar respostas o quanto antes para aquelas dúvidas formuladas e não contempladas no FAQ.
Desenvolver entre os alunos a sensação de que, mesmo quando estudam sozinhos, alguém se preocupa com eles.
Estimular os alunos a elaborar um plano de estudo: pensar que cada aluno possui um estilo de aprendizagem e você deve orientá-lo, sem tom de obrigação.
Ter informações sobre o que os alunos deveriam estar estudando em um período determinado:

Entre os pontos relevantes para orientar o aluno quanto aos estudos podemos destacar alguns: o local escolhido para realizar as atividades de um curso a distância

(deve ser tranqüilo, arejado); a permanente necessidade de retornar ao guia de estudo do curso; determinar um tempo mínimo diário para estudos, de preferência no mesmo horário; diluir dúvidas com o professor ou tutor sempre que elas surgirem.

2.2 Adoção do guia de estudo

Em que consiste um guia de estudo? Por que ele é necessário e qual é a sua função? Tais indagações são pertinentes, sobretudo, porque compreendemos que o guia de estudo funciona em curso a distância como uma bússola, um instrumento de orientação que deve dar sempre a posição do aluno no curso, indicando quais caminhos percorreu e quais ainda faltam percorrer.

Estamos acostumados a escrever para diversas finalidades. Em cada uma delas adotamos um estilo diferenciado de escrita. No caso do guia de estudo, os pesquisadores que se dedicam a explorar a eficácia dos materiais para cursos de Educação a Distância têm enfatizado bastante a importância do estilo da escrita. Há especificidades que devem ser consideradas. Na expectativa de lembrá-los da importância do assunto, apresentamos algumas dicas no quadro abaixo³².

<ul style="list-style-type: none">• Adote um estilo claro, conciso, preciso, fluido e facilmente compreensível.
<ul style="list-style-type: none">• Deixe claro o objetivo do texto e faça um resumo no início.
<ul style="list-style-type: none">• Evite o uso excessivo do "que", dê preferência às frases curtas.
<ul style="list-style-type: none">• Intercale-as com frases maiores, mas não muito longas.
<ul style="list-style-type: none">• Use no máximo duas idéias em cada parágrafo.
<ul style="list-style-type: none">• Prefira verbos ativos e diretos, evite a voz passiva e o uso do gerúndio.
<ul style="list-style-type: none">• Use palavras concretas.
<ul style="list-style-type: none">• Corte os adjetivos que não informam.
<ul style="list-style-type: none">• Evite o uso excessivo de palavras impessoais como "este", "isso" ou "o qual".
<ul style="list-style-type: none">• Não use negações em excesso.
<ul style="list-style-type: none">• Explique todos os termos técnicos.
<ul style="list-style-type: none">• Faça a adequação do que você escreve à habilidade de leitura dos alunos.
<ul style="list-style-type: none">• Evite clichês, frases feitas e jargão acadêmico.
<ul style="list-style-type: none">• Seja coloquial. Use "você", "eu" e "nós".

³² MOORE, M.; KEARSLEY, G. São Paulo: Thomson Learning, 2007. As orientações encontram-se na página 116.

<ul style="list-style-type: none">• Ao adaptar textos complexos, alterne trechos abstratos com formas mais simples de contar.
<ul style="list-style-type: none">• Ative o conhecimento prévio do aluno.
<ul style="list-style-type: none">• Use analogias, repetições, exemplos e comparações.
<ul style="list-style-type: none">• Empregue estruturas retóricas para explicar os temas: enumeração, descrição, seqüência temporal, seqüência causal, problema/solução etc.
<ul style="list-style-type: none">• Faça sugestões bibliográficas e de links na Internet

Outra questão relevante é a escrita do guia de estudo, que se difere radicalmente de um livro didático. Enquanto o primeiro comunica informação, o segundo comunica o ensino. Geralmente o guia é produzido em formato impresso, mas pode também ser disponibilizado online.

Em um guia de estudo devem constar alguns itens que ajudam o aluno a se situar e a compreender a lógica de um curso ou disciplina a distância. Entre eles, assinalamos os seguintes: Identificação do curso (nome do curso, instituição responsável, natureza, carga horária, duração); Objetivos; Público-alvo; Estrutura Curricular; Metodologia; Material Instrucional; Dinâmica do Curso (tipos de atividades presenciais e não presenciais); Avaliação e Monitoramento (critérios de aprovação).

De toda forma, há elementos que são essenciais na elaboração de um guia. No próximo capítulo você terá oportunidade de conhecê-los, e avaliá-los.

Quer ampliar suas leituras?

Leia: VERAS, D. Material Impresso na Educação a Distância: estratégias de concepção e redação. Disponível em:
www.geocities.com/dauroveras/ead.

Esse texto é bastante claro e introduz o leitor nas questões básicas da educação a distância.

2.3 Calendário com programação

Finalizamos esse capítulo com o último item para orientação de atividades de curso realizado a distância, mas não menos importante. O cronograma deve representar de forma gráfica o tempo que será utilizado para a realização das atividades propostas no curso ou na disciplina em questão.

Uma observação importante para que possamos exigir o cumprimento das atividades do cronograma é disponibilizar para o aluno, com antecedência, o material a ser utilizado no curso. A flexibilidade deve ser pensada dentro das especificidades de cada realidade. Sugerimos, também, que o aluno faça um planejamento semanal, em

que registre, por ordem cronológica, trabalhos a serem realizados, encontros presenciais, atividades a distância e avaliações. Esta atividade pode ser orientada e incentivada pelo tutor ou professor.

Um cronograma deve conter a unidade ou módulo que será trabalhado; data de realização das atividades; a natureza das atividades (presencial ou a distância); horas presenciais e a distância e, caso queiram, o tipo de avaliação. Antes de apresentar o cronograma ao aluno certamente você deve ter explicitado no guia de estudo os tipos de atividades a serem realizadas, o número de encontros presenciais, as formas de avaliação e os requisitos para a aprovação. Muito bom!

Além disso, você pode elaborar um cronograma para cada módulo do curso contendo informações que possibilitem ao aluno a apreensão global de cada módulo ou unidade em um curso a distância. Isso dá um sentido de organização temporal ao aluno, e faz toda a diferença para ele!

Bem, para ilustrar o que sugerimos acima apresentamos um possível cronograma para cada módulo ou unidade de um curso a distância. Nesse caso, você pode detalhar para o aluno como trabalhará cada módulo ou unidade. Aqui, para exemplificar, selecionamos apenas uma unidade do módulo de uma disciplina. O que você acha?

DISCIPLINA: FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL						
MÓDULO I: História e Políticas Públicas para a criança de 0 a 6 anos						
UNIDADE	TÍTULO	DURAÇÃO	ATIVIDADE	DESCRIÇÃO	AValiaÇÃO	RECURSOS
1	A evolução histórica do conceito de infância	15 dias	Atividade presencial (encontro coletivo) Atividades a distância	Discussão dos diários reflexivos com base na atividade I do Material Didático Leitura do material/Discussão no fórum	Portfólio Memorial	

Finalizando a prosa...

Mais uma vez esclarecemos que essas são sugestões para que você tenha subsídios no momento de orientar os alunos para a realização de atividades no curso a distância.

Nesse sentido, as palavras do prof. Alúzio Belizário, coordenador do Laboratório de Educação a Distância (LEAD), da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, são um convite à reflexão sobre as propostas pedagógicas da Educação a Distância. Cremos poder encerrar com elas a nossa conversa.

“Pouco se tem avançado neste sentido. O que se vê, normalmente, é a simples migração do curso presencial para a educação a distância. Até os períodos letivos e a carga horária dos cursos permanecem inalterados; os materiais didáticos costumam ser transposições de apostilas; há um excesso de elementos lúdicos, em detrimento do conteúdo; não há preocupação com a interatividade; o conteúdo muitas vezes se resume a uma lista de textos a serem lidos. As dificuldades estão presentes não apenas na educação a distância no Brasil, mas também em instituições conceituadas no exterior.”

Bom trabalho!

Para a elaboração deste texto consultamos:

FIorentini, Leda Maria Rangearo; MORAES, Raquel de Almeida (Orgs.). **Linguagens e interatividade na educação a distância**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MAIA, Carmem; MATTAR, João. **ABC da EAD: a educação a distância hoje**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. **O aluno virtual: um guia para se trabalhar com estudantes on-line**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Mas a conversa continua...

Para ampliar ainda mais suas conhecimentos acerca da dinâmica própria da EaD, sugiro a leitura do texto “Planejando atividades a distância em cursos presenciais do ensino superior”.

Está disponível em: www.abed.org.br.

Trata-se da apresentação de um modelo de planejamento de atividades não presenciais em cursos presenciais do ensino superior a partir de uma abordagem humanista do processo de ensino-aprendizagem.